



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

Maria da Cruz de Sousa Santos

**O PAPEL DAS MULHERES EM *MACUNAÍMA*, *O HERÓI SEM*
NENHUM CARÁTER DE MÁRIO DE ANDRADE**

Brasília

2013

Maria da Cruz de Sousa Santos

**O PAPEL DAS MULHERES EM *MACUNAÍMA*, *O HERÓI SEM*
NENHUM CARÁTER DE MÁRIO DE ANDRADE**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana de Fátima Barbosa Araújo

Brasília

2013

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o papel das mulheres em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, mostrando a importância que elas tiveram no desenrolar do destino do personagem, buscando fugir da tradicional análise na qual as mulheres são vítimas do machismo. Evidenciando que as mulheres presente na rapsódia possuíam personalidades próprias, sabiam expressar suas vontades e desejos sem medo. Contrariando, assim, uma sociedade baseada no patriarcalismo, na qual os homens eram o centro das decisões. E por fim, será colocando como o Modernismo, movimento literário baseado no europeu, revalorizou a cultura local, mostrando para a elite brasileira que o Brasil possuía grande riqueza cultural.

Palavras-chave: Mulher, destino, modernismo, revalorização da cultura e patriarcalismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
MACUNAÍMA E O GÊNERO NA LITERATURA	7
AS MULHERES DA VIDA DE MACUNAÍMA:.....	11
SOFARÁ E A MÃE.....	11
CI, A MÃE DO MATO	13
VEI, A SOL E A UIARA.....	15
ANALISANDO AS PARTES.....	16
CONCLUSÃO	19
BIBLIOGRAFIA.....	21

“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.”

Clarice Lispector

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema o papel da mulher no livro de Mário de Andrade, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Mas a visão que se quer colocar em primeiro plano é a das mulheres como base da história, como guiadoras da personagem principal. E deixar de lado a análise da mulher como objeto sexual do herói.

O trabalho visa a responder a seguinte pergunta: a mulher em *Macunaíma* é apenas um objeto sexual ou desempenha outro papel mais importante na obra? Para responder esse pergunta e desenvolver o tema proposto, procurou-se contextualizar a época em que o livro foi escrito e as prováveis influências desse período para o autor. Tentou-se basear em autores que já escreveram sobre gênero e sobre o livro em geral. Na análise em si, escolheu-se as principais personagens femininas da obra para procurar provar as conclusões obtidas.

O presente trabalho foi baseado em uma pesquisa literária, pois parte da análise de uma obra de um autor brasileiro que a partir das influências dos europeus colocou a cultura brasileira em destaque na literatura, e visa interpretar e entender o comportamento de Macunaíma, personagem masculino guiado pelas personagens femininas.

Este trabalho é importante para o campo literário, pois mostrará a visão de um intelectual em relação às mulheres no século XX, época em que o Brasil passava por grandes mudanças políticas e econômicas e os escritores procuram destacar as características da cultura brasileira.

Estruturou-se o trabalho em três partes: uma teórica, na qual se buscou os principais autores que falam de Macunaíma e sobre gênero na literatura para fazer o embasamento teoricamente. Um resumo crítico das partes principais da obra em estudo mostrando trechos que possam comprovar o objetivo proposto. E, a análise propriamente dita, na qual se buscou entrelaçar a visão dos teóricos com os trechos do livro.

MACUNAÍMA E O GÊNERO NA LITERATURA

Macunaíma, o herói sem nenhum caráter é uma obra escrita por Mario de Andrade, grande escritor modernista do Brasil, em 1928. Período em que o país passava por grandes mudanças no campo político e econômico. Passava pela crise no setor açucareiro e o crescimento da cultura do café dava início a Revolução Burguesa, na qual ficava de lado a mão de obra escrava e abria espaço para os imigrantes. Os quais influenciaram a economia e a visão de negócio dos fazendeiros, os quais começaram a pensar na acumulação de riquezas, como diz FERNANDES, 2006, p. 146; “Sob o império indiscutido e invisível da tradição patrimonialista, florescia o mais ardente empenho de acumular riqueza e de convertê-la em poder.”. Assim, introduzia-se o sistema capitalista no Brasil. Mas, mesmo com a introdução desse sistema continuava em vigor o patriarcalismo, sistema no qual o homem é o centro das decisões que envolvam dinheiro e poder e a mulher fica nas sombras realizando as tarefas domésticas.

E foi em meio a essa transição ou união de sistemas que a obra em análise foi escrita. Devido às várias influências, europeia, indígena e africana, que o país sofreu na sua formação muitos escritores, como, por exemplo, Mário de Andrade, escreveram, na tentativa de encontrar ou mostrar suas origens, sobre o folclore, a situação do trabalhador, como a mulher era vista na sociedade, a busca pela modernidade e principalmente pelo poder, tentando passar a realidade vivida na época.

Escrever sobre a cultura brasileira oral e folclórica foi evidenciar características tipicamente brasileiras, mostrar a riqueza que o país possuía que, a pesar de ser influenciado por outras culturas, desenvolveu características próprias. E essa exaltação foi feita pelos modernistas caracterizando não um país atrasado em relação aos outros, mas cheio de riquezas que precisavam ser colocadas em destaque, construindo, assim, uma literatura baseada na europeia, mas redescobrimo um Brasil nacionalista com ânsia de afirmação. O desejo era romper com a elite que só valorizava as coisas vindas da Europa. Ou, pelo menos, mostrar para ela que aqui também era possível encontrar um povo com cultura própria.

No entanto, os temas não eram exibidos abertamente, porque se tratava de uma sociedade patriarcalista, então o homem sempre tinha que ser o personagem principal. E

quando se colocava a mulher em foco ela era uma personagem frágil, guiada pelo homem e que não sabia expressar sua opinião.

O poder que a mulher possui é algo camuflado. Normalmente, tal assunto fica em segundo plano, pois a mulher sempre foi vista como aquela destinada a criar os filhos, cuidar do lar e ser esposa. Ela só era vista pela sexualidade e pelos filhos que colocava no mundo. Isso acontecia por causa da cultura do patriarcalismo, na qual a mulher não tem voz, pois apenas o homem é capaz de falar publicamente sua opinião. Dessa forma a influência que uma mulher pode ter no destino de uma história fica em segundo plano, pois colocá-la em primeiro vai contra as tradições.

A visão demonstrada nos livros era de intelectuais preocupados com os problemas da sociedade local, influenciada pelas alterações político-econômicas que ocorreram no Brasil. Eles tinham a necessidade de expressar sua visão de mundo, colocando no papel a realidade do povo, como vivia, qual era a sua cultura de onde ela vinha, pois como diz Bosi, 2003;

[...] visão era o de intelectuais mais informados e mais inquietos que se propunham desentranhar a poesia das origens, o substrato selvagem de uma “raça”; e que desejavam intuir o modo de ser brasileiro aquém da civilização, ou então surpreendê-lo na hora fecunda do seu primeiro contato com o colonizador (BOSI, 2003, p. 217).

Intelectuais que não concordavam com a elite brasileira a qual preferia valorizar a cultura europeia em detrimento da brasileira. Esses artistas queriam mostrar que no Brasil havia coisas boas que a sociedade brasileira era rica em cultura e não precisava sair do Brasil. Ou seja, acontecia uma recusa da realidade por parte da elite. E Mario de Andrade procurou denunciar esse tipo de ação em suas obras, pois é possível observar em sua obra uma tentativa de restauração da língua e das manifestações populares.

Os modernistas brasileiros começaram esse movimento devido às influências trazidas da Europa, mas em nenhum momento eles fizeram cópia do que acontecia do outro lado do oceano. Eles estudaram, viram quais eram as ideias propostas pelos europeus e fizeram as adaptações necessárias à cultura brasileira, ou seja, eles foram atingidos pelas novas ideias vindas do estrangeiro, mas souberam reorganizá-las e não as colocaram em primeiro plano em detrimento das nacionais. Mostrando, assim, para a

elite que não era necessário recusar o que vinha de fora, mas era preciso fazer ajuste e valorizar a cultura local, observar o que estava acontecendo ao seu redor, no seu país e buscar suas origens. Eles revalorizaram a cultura local fazendo, assim, um nacionalismo crítico. Observaram a cultura oral como riqueza. Os modernistas usaram a linguagem regional e a oralidade em suas obras sem ser de forma preconceituosa, mas como riqueza, como grande variedade cultural do povo.

Sendo assim, o livro *Macunaíma* é uma rapsódia, gênero derivado da música que é produzido com a intenção de emocionar, quer dizer composto baseado na cultura tradicional e folclórica de determinada região, bastante conhecido por retratar a identidade, o nacionalismo brasileiro e as mudanças econômicas e políticas do século XX. Pois como diz Bosi; *Compreender Macunaíma é sondar ambas as motivações: a de narrar, que é lúdica e estética; a de interpretar que é histórica e ideológica* (BOSI, 2003, p. 188). Assim, para que se entenda o livre é preciso deixar o imaginário fluir sem sair da realidade, tentando associar cada imagem fantástica com o mundo real, lembrado que *Macunaíma* ligou dois lugares opostos, o da memória afetiva com o do pensamento social crítico. Pois é possível se identificar com a língua, com os personagens folclóricos e com as situações que o personagem passa. Mas se vendo de fora da cena, assim é possível fazer uma análise crítica se perguntado o que foi necessário para se chegar a tal condição.

Para fazer sua crítica social, Mário exige que o leitor tenha conhecimento da linguagem coloquial da língua portuguesa, pois o autor utiliza expressões cômicas ou até mesmo vulgares, tudo vindo da língua falada. Pois, *O modernismo foi a metáfora brilhante de um certo ângulo de consciência, que escolheu formas e mitos adequados a uma zona determinada da vida e da cultura brasileira* (BOSI, 2003, 225).

Mário criticou, praticamente, todos os lados da sociedade, o rico que para demonstrar sua riqueza usa o exagero como forma de exaltação. A loucura por acesso a tecnologia, no qual pessoas que moravam em lugar que nem possuía energia elétrica queria uma televisão. A mulher que sustenta a casa, mas é o homem quem recebe os benefícios. A língua escrita que cada vez está mais distante da falada, formando-se assim dois idiomas diferentes, e mostrar que quem sabe e domina o escrito passa uma

visão de inteligência, evidenciando, assim, que se trata de uma sociedade conduzida ou motivada pelas aparências.

Os temas acima são alguns dos citados em *Macunaíma*, mas, normalmente, um dos temas mais desenvolvido sobre a obra em questão é o tratamento que o personagem principal, Macunaíma, dá as mulheres com as quais se relaciona. Mas esse não será o foco desta escrita, tentar-se-á mostrar o outro lado da história, pois o objetivo desse trabalho é falar do papel das mulheres no destino de Macunaíma, que apesar do tratamento recebido por ele, demonstram grande influência nas escolhas que o personagem faz e na construção do seu destino.

Assim, entra-se no sujeito gênero no tema “mulher e literatura” que passou a ser discutido como objeto de pesquisa no Brasil, somente a partir do momento em que pesquisadores mostraram os resultados de suas pesquisas em seminários, em monografias e artigos. O conceito de gênero tem sido bastante usado em pesquisa como diz LAURETIS, 1994;

“O conceito de gênero como diferença sexual tem servido de base e sustentação para as intervenções feministas na arena do conhecimento formal e abstrato, nas epistemologias e campos cognitivos definidos pelas ciências físicas e sociais e pelas ciências humanas ou humanidades” (LAURETIS, 1994, p. 206).

Escrever sobre esse tema não é algo inédito, porém necessário, pois a mulher precisa mostrar que sempre esteve presente em todos os momentos da construção da sociedade e da literatura, e isso pode ser visto nas escritas de mulheres e até na de homens, as quais procuraram tratar do tema mesmo que não fosse em primeiro plano. O homem que sempre foi colocado como o centro da família, mas observando as escritas passadas, observa-se que a mulher sempre realizou esse papel de personagem principal, o homem sempre realiza suas ações baseadas em uma mulher. São raros os livros em que o desenrolar da trama não é em torno de uma ou várias mulheres.

Para mostrar essa influência que as mulheres possuem na construção da literatura, em especial, na história do herói sem nenhum caráter, Macunaíma construir-se-á três tópicos para falar das cinco mulheres principais que tiveram um papel importante na vida de Macunaíma, mas o fato de se escolher cinco não significa que as

outras não foram importantes, mas é porque é necessário restringir os assuntos aqui abordados.

AS MULHERES DA VIDA DE MACUNAÍMA:

As mulheres que serão apresentadas a seguir foram escolhidas por fazerem parte de momentos importantes da vida do personagem principal, ou seja, do desenrolar da história, enfatizando que, apesar de ser um homem o personagem mostrado em primeiro plano, são as mulheres que conduzem a rapsódia, mesmo sendo colocadas no segundo plano. Todas as mulheres influenciaram direta ou indiretamente o herói nas escolhas dos caminhos percorridos. Todas são mulheres de personalidades fortes que sabem o que querem, mas se deixam seduzir pelos encantos do herói, que transmite uma ingenuidade e essas passam a serem as senhoras do destino de Macunaíma.

SOFARÁ E A MÃE

Sofará, companheira de Jiguê, irmão de Macunaíma, é a primeira personagem feminina que influencia Macunaíma de forma direta. Ela o fez pular da etapa de criança direto para a de adulto. Na primeira vez que Sofará saiu com ele para brincar na floresta ele se transformou em príncipe. Ou seja, ela faz com que ele vire homem “feito”. Como pode ser constatado nesse fragmento do livro; [...] *Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas, tajás e trapoerabas as serrapilheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo* (ANDRADE, 2008, p. 14).

A transformação do herói em adulto está relacionado à iniciação sexual, evidenciando, assim, uma posição da sociedade na qual o homem a partir do momento que tem a sua primeira relação sexual sai da condição de criança e torna-se adulto. Macunaíma transformou-se em homem, mas apenas na presença de Sofará, para os outros ele continuava uma criança, que ficava perturbando a mãe para passear na floresta, se aproveitava das índias quando estava tomando banho, era preguiçoso para fazer as coisas que não era do seu interesse, mas sempre que o assunto era dinheiro, tomava a frente.

Transformar-se em adulto para o herói significou ter responsabilidade e sofrer as consequências das suas escolhas. Por isso, Macunaíma começou a praticar ações de adulto como, por exemplo, conseguir uma caça para alimentar a tribo e ser reconhecido por sua inteligência. E também, apanhar do irmão por “brincar” com sua companheira. Pois, a partir do momento que percebeu que poderia tirar proveito da cunhada, passou a querer ir à floresta todos os dias para se divertir com ela e, por dedicar seu tempo ao herói, ela deixou de lado as tarefas diárias e seu companheiro desconfiou e os seguiu em um passeio e descobriu tudo e os castigou. Devolveu à mulher a família e deu uma surra no irmão, que não se mostrou arrependido pelo cometido. E quando o irmão arrumou outra mulher logo ele a roubou também.

Outra personagem feminina que teve papel importante na transição de Macunaíma, da vida de criança para a vida de adulto, foi sua mãe. A partir do momento em que ela percebeu que o filho era egoísta e só pensava no seu bem estar, sem se preocupar com os irmãos, o abandonou em um local deserto e longe chamado “Cafundó do Judas”. Assim, ele, sozinho, teve que trilhar seus próprios caminhos, fazendo as suas escolhas e procurando a volta para casa.

No caminho de volta, quando fugia do Curupira que deseja comê-lo, Macunaíma encontrou a Cutia, personagem que percebeu a esperteza do menino e jogou nele uma água de mandioca que o transformou em um ser com corpo de adulto e cabeça de criança. E depois dessa transformação ele não podia mais crescer.

Ao chegar a casa, ele foi caçar e encontrou uma veada e depois que a matou percebeu que, sem querer, tinha assassinado sua própria mãe. No epitáfio, desenhado por Maanape, o outro irmão do herói, foi colocada uma pedra com quatro traços e um estava riscado. Depreendeu-se dessa passagem do livro que os traços representavam a família de Macunaíma e o riscado era o membro da família que morreria.

A morte da mãe pode ser vista como o símbolo da chegada a maioridade do personagem. Pois como já tinha crescido não precisava mais dos cuidados da mãe, já sabia andar com suas próprias pernas. E ao conseguir fazer suas escolhas sem precisar consultar a mãe decidiu partir da aldeia onde morava com seus irmãos e sua nova, cunhada com quem ele já estava brincando, em busca de um mundo novo. Ou em busca de outra pessoa na qual ele pudesse se apoiar para guiar seus passos.

CI, A MÃE DO MATO

Ci, a Mãe do Mato foi outra mulher que conduziu a vida do herói. Personagem de personalidade forte, decidida, bonita que representa as mulheres da mata e é denominada mãe, talvez por isso tenha feito com que Macunaíma deixasse de lado Iriqui, a outra companheira do irmão. Sendo mãe ela seria mais eficiente no momento de guiá-lo.

[...] *Era Ci, Mãe do Mato. [...] A cunha era linda com o corpo chupado pelos vícios, colorido com jenipapo* (ANDRADE, 2008, p. 31). Essa foi a primeira definição que o próprio autor deu a essa personagem. Para o crítico da literatura brasileira Manuel Cavalcanti Proença;

“Ci, Mãe do Mato, nome criado por Mário, pertence à condição das mulheres originárias, do começo do mundo, como Sofará e Iriqui. A crença geral dos tupis, segundo Couto de Magalhães, estabelecia Mãe das Águas, Mãe dos Animais, Mãe das Plantas” (PROENÇA, 1987, p. 136).

Ci foi a personagem feminina mais importante na rapsódia, pois ela trilha o rumo da história. A primeira ação do herói incitada por ela é uma luta corporal com ela própria, pois ele queria possuí-la, ou seja, ter uma relação sexual com ela. Porém, Macunaíma sai arrebitado do combate e só obteve a vitória com a ajuda dos irmãos que a imobilizaram. Após o ato sexual, tornou-se o Imperador do Mato-Virgem. Ele só obteve esse título e veio a ser uma pessoa importante na floresta por causa da influência da mulher.

É possível observar na cena descrita a cima uma naturalização da violência contra a mulher, pois ao ler o livro, de imediato, não é possível perceber que para conseguir ter uma relação com Ci Macunaíma cometeu um estupro, pois usou de violência. E isso fica camuflado como sendo uma cena de romance, na qual após a mulher fica apaixonada e o homem ganha grande poder. Pois depois de cometer tal ato o herói torna-se imperador, ou seja, ele comete um crime contra a mulher e é valorizado.

A Mãe do Mato passou a morar com o herói depois do ocorrido no primeiro encontro, pois gostava de brincar com ele. Ela que sustentava a casa e a única coisa que exigia do companheiro era vigor e disposição no momento do ato sexual, mas muitas

vezes ele mostrava-se preguiçoso para praticá-lo, porém ela não aceitava e fazia de tudo para estimulá-lo.

Ci era uma mulher com grande vigor sexual e “não dava descanso” ao companheiro na cama. Sendo assim uma mulher diferente das outras de sua época, pois mostrava seus desejos, suas vontades e cobrava do companheiro seus direitos como mulher. As outras mulheres eram reprimidas e não podiam mostrar que possuíam desejos, pois para a sociedade as mulheres que faziam isso não eram vistas com bons olhos.

A icamiaba, depois de seis meses, teve um filho do herói, mas o menino veio a falecer e ela ficou desgostosa e então resolveu subir ao céu, porém, antes, deu ao companheiro uma pedra. Como pode ser visto na citação de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*;

[...] a companheira de Macunaíma, toda enfeitada ainda tirou do colar uma muiiraquitã famosa deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. É lá que Ci vive agora nos trinquês passeando, liberta das formigas, toda enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrela (ANDRADE, 2008, p. 35).

E foi essa pedra que determinou a continuação da rapsódia e toda a trama girou em torno deste amuleto. Pois ele a tornou responsável por sua sorte ou por seu futuro, e a partir do momento que ele a perdeu começou a fazer várias coisas para obtê-la de volta, até mesmo enfrentar um gigante comedor de carne humana. Ao perder sua “sorte” a qual foi engolida por um peixe, Macunaíma saiu a sua procura e foi para São Paulo, local que representa as mudanças que estavam ocorrendo no país, na época, no setor de produção, ou seja, o progresso tecnológico e a modernidade de ideias.

Após a ida da sua mulher para o céu, ele resolveu seguir com suas próprias pernas, ou seja, pegar as rédeas da sua vida. Ci teve papel importante na vida do personagem principal, pois fez dele um imperador, ou seja, foi ela quem o deu poder. E, mais uma vez, ele se deixou ser conduzido por uma pessoa do sexo feminino.

Sempre que ficava sem uma mulher, ele resolvia procurar outro caminho, saía da sua zona de conforto para aventurar-se em outros lugares, mas, talvez pelo costume de ser guiado por alguém, ele sempre encontrava uma pessoa que realizasse a função de auxiliá-lo ou conduzi-lo nas suas escolhas.

VEI, A SOL E A UIARA

Vei, a Sol ajudou Macunaíma a se limpar, pois havia um urubu que estava fazendo as necessidades em cima dele. Mas a intenção dela era casá-lo com uma de suas filhas. Por isso ofereceu ao herói uma de suas filhas de luz como esposa, pois tinha interesse no título de nobreza do personagem “imperador”. Ou seja, essa personagem ao procurá-lo possuía segundas intenções, queria algo a mais do herói, desejava que ele seguisse um destino que a beneficiasse.

Segundo uma nota de edição de Mário de Andrade publicada em 1943; o casamento de Macunaíma com uma das filhas de Vei significaria a construção de uma grande civilização. Mas Sol deu como condição para que o casamento se realizasse de jamais ele ser infiel ou trair a confiança dela. Porém, assim que Vei foi embora com suas filhas, Macunaíma deixou-se seduzir por uma portuguesa, a qual foi chamada de varina, referindo-se às vendedoras ambulantes de peixe, às prostitutas e à sujeira que esse trabalho implicara.

Ao escolher uma portuguesa, o herói, segundo a anotação acima citada, prefere seguir a cultura dos cristão-europeus em vez de construir uma cultura pura com a filha de Sol. Ao fazer referência à escolha do herói, acredita-se que o autor esteja querendo fazer uma alusão aos colonizadores do Brasil. Assim que Vei ficou sabendo do envolvimento do herói com outra mulher, ela ficou com muita raiva e prometeu vingar-se do personagem.

Para vingar-se de Macunaíma ela voltou no último capítulo para guiá-lo ao destino final. Sol fez com que ele sentisse muito calor e entrasse na água, na qual ele acreditava que havia uma linda mulher. Mas na verdade era a Uiara, personagem folclórica que encanta os homens com sua voz e faz com que esses irão para o fundo das águas. Dessa forma, ele foi enganado por duas mulheres, uma queria vingança, pois ela a desobedeceu e a outra queria comê-lo. A situação descrita pode ser comprovada na seguinte citação;

“A lagoa estava toda coberta de ouro e prata e descobriu o rosto deixando ver o que tinha no fundo. E Macunaíma enxergou lá no fundo uma cunha lindíssima, alvinha e padeceu de mais vontade. E a cunha lindíssima era a Uiara” (ANDRADE, 2008, p. 205).

Ao entra na água, Macunaíma entrou em combate com a Uiara e com os peixes do rio, por isso saiu faltando uma perna e todo machucado. Para Vei, o ocorrido foi uma grande vitória e por isso ela chorou lágrimas de ouro de tanta felicidade, pois ela conseguiu se vingar do herói. Depois desse ocorrido, ele decidiu subir ao céu e ficar por lá. Assim, transformou-se na constelação Ursa Maior. Dessa forma, cumpriu-se o destino do herói, ir para o céu bilhar de forma inútil.

Com as armadilhas montadas por Vei, a Sol, e por Uiara fecha-se o ciclo da vida do herói. Dessa forma, confirma-se a influência que as mulheres tiveram na vida do indivíduo. Apesar de terem sido colocadas como personagens extremamente erotizadas e sexualizadas, pois em várias partes do livro elas servem de objeto sexual a Macunaíma, elas demonstram personalidade e opinião própria saindo do perfil de mulheres que são conduzidas pela vontade dos patriarcas, porque elas têm suas próprias vontades. Deixando de lado a descrição das mulheres idealizadas, perfeitas e puras das escolas Românticas.

ANALISANDO AS PARTES

As mulheres sempre foram as responsáveis pela estruturação da família, elas cuidavam da educação dos filhos, das tarefas domésticas e da economia familiar. Os homens trabalhavam e entregavam o dinheiro nas mãos das mulheres para que essas o administrassem, pagassem as contas e economizassem. Assim, quando um homem era bem sucedido, ouvia-se o comentário “que por trás havia uma grande mulher”. Mas também quando a família não estava bem era culpa da mulher. Caso algum filho não seguisse a profissão que o pai escolheu, a filha não quisesse casar ou a família estivesse passando por alguma dificuldade, a culpa também era da mulher. Ou seja, ela sempre foi o eixo central do núcleo familiar.

Mas, mesmo vendo a importância que as mulheres têm na construção da sociedade, ela não poderia ser colocada em destaque por causa da formação da sociedade patriarcalista, que sempre colocou o homem no centro, como sendo o detentor do poder, como sendo o ser mais importante da família. A mulher, por exemplo, não podia trabalhar fora de casa, pois isso significava uma vergonha para o homem.

Porém, Mario ao escrever sua obra, que teve como objetivo destacar a formação, a cultura do povo brasileiro e descrever as mudanças tecnológicas e econômicas e a sociedade em geral, fala do papel da mulher como sendo a grande detentora do poder na construção de uma história e do destino do homem, pois Macunaíma seguia as tradições indígenas, na qual a mulher trabalha para auxiliar nas despesas dentro de casa e era guiado por lendas que fazem parte do folclore brasileiro. Colocando em foco o objetivo da escola Modernista brasileira que era exaltar a cultura local mostrando que os brasileiros também possuíam uma formação própria com tradições e costumes.

Apesar de Andrade colocar Macunaíma como personagem principal, são as mulheres que conduzem a história. Elas dominavam o herói, porque ele parecia ingênuo e enfeitiçado por elas e de certa forma não conseguia tomar suas próprias decisões e sempre se deixava levar por elas. A única forma que ele se livrava da dominação de uma era quando encontrava outra ou quando ela resolvia partir e deixá-lo seguir sozinho, mas ele sempre encontrava outra mulher. Pois ele não conseguia ficar sozinho.

Mas é necessário resaltar que não era uma dominação pensada e planejada pelas mulheres ou por Macunaíma. Era algo que ocorria naturalmente e o herói não fazia nenhum esforço para ir contra ou se mostrava contrariado com algum acontecimento ou situação.

Macunaíma demonstrava procurar a influência das mulheres e muitas vezes a provocava. Para provocar sua mãe ele usava o choro. Com Sofará usou da sua beleza que a encantava. O irmão quando perdeu a primeira mulher para ele ficou irritado, mas a partir do momento em que perdeu a segunda viu que era impossível lutar contra ele, pois viu que havia alguma coisa de especial nele.

Com Ci ocorreu uma relação especial e até mesmo na cama era ela que o dominava, pois muitas vezes ele se mostrou cansado, mas “ela não o dava sossego”, mostrando que as mulheres também possuíam vontades e desejos e que cabia ao homem satisfazê-los. Com Vei ocorreu uma relação de interesse, pois ela queria se beneficiar do seu título, imperador, e com Uiara foi algo fatal, pois foi a mulher que o enganou.

Falar por esse ponto de vista é fazer uma crítica à sociedade a qual estava inserida, mostrando que enquanto existia uma sociedade patriarcalista baseada em sociedades “modernas” vindas de outros lugares, como da Europa, nas quais a mulher não tinha voz e precisava do aval do homem para tomar qualquer decisão na origem do Brasil havia uma sociedade que era diferente que tinha como as grandes detentoras de decisões importantes a mulher, enfatizando que não era necessário seguir as tradições importadas era possível criar uma própria ou até mesmo seguir as já existentes no território antes da chegada dos colonizadores. Fazendo, assim, uma crítica à elite brasileira que só valorizava os modos e costumes vindos de países europeus.

O Brasil sempre foi um país rico tanto economicamente quanto culturalmente, mas infelizmente sempre se deu mais valor às coisas importadas. Durante a colonização se preferiu importar produtos e modos estrangeiros a observar os que já tinham aqui. Assim veio a cultura patriarcalista de mulheres que não saiam de casa, que viviam em função da construção da família, que não podiam estudar. Mas os modernistas os quais foram influenciados pelas ideias vindas da Europa mostraram que era possível entender, estudar e seguir as propostas vindas do estrangeiro, porém era preciso fazer adaptações para ocorrer uma revalorização dos costumes e da cultural local.

Assim, o modernista Mario de Andrade mostra em *Macunaíma* que as mulheres lutam por seus direitos, mulheres de origem brasileira, senhoras de si e dos seus desejos, e por isso conseguem influenciar a vida do herói brasileiro, personagem que tenta formar ou encontrar seu caráter, mas não obtém sucesso e vive guiado pela opinião dos outros. O que retrata bem a sociedade da época. Mas nessa busca ele esquece suas origens e termina morrendo por deixar-se deslumbrar facilmente.

As personagens femininas que aparecem na obra e não são brasileiras recebem uma má conotação, como é o caso da “varina” que representa Portugal e por isso cheira a peixe e passa doenças veneras aos homens com os quais tiver relação. Na obra o herói é perseguido por Sol porque não resiste à portuguesa e trai a sua confiança. Ou seja, por mais que ele possuísse e conhecesse os costumes brasileiros sempre que chegava um importado agregava-se mais valor e menosprezava o local. Mas ainda segundo o desenrolar do livro isso poderia trazer consequências trágicas, como a formação de um povo sem características próprias e a morte da cultura local.

As mulheres como donas do destino de um homem é algo inovador na literatura do período e coloca em evidência que a sociedade brasileira da época era baseada nas mulheres, mas preferia-se acreditar que era o homem o centro da família. As mulheres, socialmente falando, não possuíam grande importância, mas na vida interna da família eram as responsáveis por toda e qualquer ação que viesse acontecer no núcleo familiar.

Mário retratou isso muito bem em sua obra colocando todas as personagens femininas como o centro da vida do herói e ele como um mero conduzido que fazia tudo que elas queriam e desejavam, a partir do momento que ele não realizou uma vontade de uma por causa de outra essa decidiu o seu destino final e o guiou a um destino sem brilho e sem função.

CONCLUSÃO

A formação da cultura brasileira é o ponto central do livro e ela é mostrada com auxílio do folclore brasileiro que é usado como base para se escrever sobre todos os temas relacionados à formação do povo brasileiro. Evidenciando suas origens e por quem ela foi influenciada. Colocando em foco quais eram os valores culturais que a população da época dava maior importância, e entrando no assunto gênero elevando a mulher a um patamar de personagem que conduz o destino do “herói sem nenhum caráter”.

O modernismo é a base para a rapsódia, pois foi escrita em linguagem coloquial bem próxima da oral e cheia de regionalismo. O livro é visto como um ato de liberdade, pois o autor fugiu completamente das regras pré-estabelecidas e buscou na cultura brasileira suporte para escrevê-lo enfatizando que o Brasil sempre possuiu uma cultura e que não era necessário ir a outro país importar comportamento, pois aqui já existiam os seus e era necessário valorizá-los. Apesar dos modernistas brasileiros terem se baseados no movimento europeu.

A mulher pode ser vista de outro ponto de vista diferente do tradicionalmente marcado, como sendo a explorada sexualmente ou simplesmente como aquela que faz tudo para agradar uma sociedade machista. Ela pode ser vista como aquela que decide

aonde vai que trabalha que possui desejos sexuais e cobra do homem realizá-los e também pode ser à base do caminho de alguém do sexo masculino, que pode se deixar guiar por mulheres sem ser marcado na sociedade.

Mario levanta pontos que vão contra a elite brasileira e mostra que os intelectuais podem escrever sobre os problemas sociais enfrentados pela população em geral e que o pensamento da elite não necessariamente é o mesmo dos intelectuais. Evidenciando que a partir do momento que se tem contato com outra cultura fica mais fácil observar as peculiaridades da sua própria e também valorizá-la mais, focando seus pontos positivos.

Nessa análise ficou evidente como é difícil escrever sobre um assunto que vai contra as tradições da sociedade, pois é tão complicado que mesmo sem perceber entra-se no tema. Por isso que escrever sobre gênero feminino sem entrar na questão da realidade machista foi impossível, pois é algo que está inserido na sociedade em geral e muitas vezes se reproduz um ato machista sem percebê-lo, pois eles estão naturalizados de certa forma que as vezes fica difícil identificá-los. A mulher, segundo a visão na qual o homem é o centro do núcleo da sociedade, pode ser vista no livro como complemento do ser do sexo masculino. Mas na análise proposta é o homem que é o complemento de uma mulher decidida que não se deixa intimidar e faz suas próprias escolhas, as quais influenciaram na construção da história do herói que não consegue seguir seu próprio caminho sem o comando de uma mulher.

O livro nos leva a várias observações e questões, como o da valorização da cultura estrangeira em detrimento da local, o núcleo familiar baseado no homem mesmo sendo a mulher que o conduz, a naturalização de atos machistas. Portando seria interessante fazer uma pesquisa baseada no livro sobre a atual formação da sociedade brasileira se questionando se a mulher ainda é vista da mesma forma e se os problemas de identidades apresentados no livro que foi escrito em 1928 ainda estão presentes na atual sociedade.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**; texto revisto por Telê Porto Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir Editora LTDA, 2008.

BOSI, Alfredo. Situação de Macunaíma. In: BOSI, Alfredo, **Céu, inferno: Ensaios de crítica literária e ideológica**. 2ª Ed. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003. p.187-208.

_____. Moderno e modernista na literatura. In: BOSI, Alfredo, **Céu, inferno: Ensaios de crítica literária e ideológica**. 2ª Ed. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003. p.209-226.

FERNANDES, Florestan. O desencadeamento histórico da Revolução Burguesa. In: FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Globo, 2006. 109-175.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Macunaíma: da literatura ao cinema**. Rio de Janeiro: J. Olympo: Empresa brasileira de filmes, 1978.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero (tradução de Suzana Funck). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206 – 242.

PROENÇA, M. Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. 6ª Ed. São Paulo: Civilização brasileira, 1987.

STEVENS, Cristina (Org). **Mulher e Literatura: 25 anos raízes e rumos**. Santa Catarina: Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.

XAVIER, Elódia (Org.). **VI Seminário Nacional Mulher e Literatura: Anais**. Rio de Janeiro: NIELM, 1995.